

INDÚSTRIA

Venda de carros cresce 4,8%

Apesar do bom resultado do trimestre, setor mostra preocupação com os próximos meses. Alta de juros é um dos motivos

» DANANDRA ROCHA

A produção automóveis cresceu 7,8% no primeiro semestre, na comparação com o mesmo período de 2024, com 1,22 milhão de carros produzidos. o dado foi divulgado, ontem, pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que também informou o crescimento de 4,8% nas vendas no mercado nacional de carros, com 1,19 milhão de unidades vendidas.

As exportações saltaram quase 60%, com destaque para o mercado argentino, responsável

por mais da metade do volume enviado ao exterior.

Ao divulgar os números, no entanto, a Anfavea apresentou uma avaliação pessimista para o setor. Apesar do avanço na produção e nas vendas, a entidade apontou preocupação com juros elevados, aumento da inadiplência e recuo nas vendas ao consumidor final em junho.

“Vamos continuar acompanhando essa taxa de juros, afinal de contas, se a nossa economia crescer é natural que nosso mercado de caminhões também cresça e nós vamos trabalhar para que isso aconteça no segundo

semestre”, disse o presidente da Anfavea, Igor Cavalet, ao citar o desaquecimento percebido ao final do período. Em junho, houve recuo de 6,5% na produção frente a maio. Nas vendas, a retração foi de 5,7% na comparação com o mês anterior.

Ele comentou que a taxa Selic, hoje em 15% ao ano, é a maior dos últimos 15 anos. Os juros médios para aquisição de veículos chegam a 27,6% ao ano para pessoas físicas, o que pressiona o consumo e ajuda a explicar a retração nas vendas no varejo. Entre janeiro e junho, o volume de automóveis e comerciais leves

vendidos diretamente ao consumidor caiu 10%. Já os caminhões acumularam o terceiro mês consecutivo de retração.

A concorrência com os importados também preocupa. Os embarcamentos de veículos estrangeiros cresceram 15,6% no semestre, enquanto as vendas para locadoras dispararam 59,8%, somando 264 mil unidades. Modelos chineses, sobretudo eletrificados, ampliaram presença e encerraram o período com mais de 110 mil unidades em estoque. A importação de carros eletrificados chineses teve aumento de 15%.

Volkswagen/Divulgação



Considerando as vendas apenas em junho, houve queda de 5,7%



RAUL VELLOSO

A SAÍDA PARA ESSA MUITO DIFÍCIL SITUAÇÃO É NADA SIMPLES, E COSTUMA SER CHAMADA DE “EQUACIONAMENTO PREVIDENCIÁRIO”, ISTO É, A ZERAGEM DO PASSIVO ATUARIAL DOS ENTES EM CAUSA VIA REFORMAS DE REGRAS, APORTES DE ATIVOS (LEIA-SE: CAPITALIZAÇÃO)

Para onde está indo nossa economia? O que fazer?

Volto ao tema de minha última coluna, para dizer que, pelo que tem acontecido mais recentemente, têm me perguntado se nossa sina já teria virado algo parecido com: “mais velhice/mais Previdência, primeiro, menos PIB/menos emprego, depois”. E daí uma perspectiva um tanto sombria de desempenho econômico à nossa frente. É isso mesmo? Desde quando? O que devemos fazer? Até que ponto as pessoas esclarecidas e em posição de provocar reações adequadas das autoridades têm se inteirado disso?

Em que pese a velocidade do

grau de envelhecimento da população brasileira ter de fato se firmado em um ritmo bem mais acelerado do que era costume ocorrer, se tornando uma verdadeira “bomba-relógio” que eclodiu há algum tempo e tem estado à espera de se espalhar pelos quatro cantos do país, e tenha, assim, levado a um expressivo crescimento dos gastos previdenciários entre 1997 e 2014, gerando, portanto, um bem menor espaço orçamentário para investir em infraestrutura (o que inviabilizaria o crescimento do PIB a partir de certo ponto), a taxa de crescimento real desse indicador

básico (o PIB) de qualquer economia ainda se manteve em tendência ascendente em 1997-2014, sua média ficando ao redor da marca de 3,1% a.a.

Pode ser surpreendente, mas essa última taxa só passou a entrar em fase declinante mesmo a partir do primeiro ano que se seguiu a 2014, já em plena fase de declínio da taxa de crescimento real dos investimentos públicos em infraestrutura, por ser esse o principal item que se contrai quando se torna imperioso acomodar pressões financeiras oriundas da Previdência. Em adição, as observações

disponíveis da variável “investimentos privados em infraestrutura” mostram uma longa história de declínio real sistemático (1997-2022), sinalizando que, ao se olhar para a frente, fará pouco sentido esperar que, no Brasil, diante da contração do investimento público, ocorra alguma compensação pelo lado do investimento privado.

A saída para essa muito difícil situação é nada simples, e costuma ser chamada de “equacionamento previdenciário”, isto é, a zeragem do passivo atuarial dos entes em causa via reformas de regras, aportes de ativos (leia-se: capitalização)

ou o que seja, sem o que os novos e preciosos empregos que se desejam jamais serão criados.

Voltando ao estreitamento do espaço orçamentário público para investir em infraestrutura, ou à falta de equacionamento previdenciário, vale a pena adicionar à análise dois outros itens da mesma família de gastos, e rigidez igualmente elevada, quais sejam, assistência social e fraudes. Se somarmos apenas os valores adicionais relativos à Assistência Social aos da Previdência, enquanto surgem dados mais confiáveis no segmento de fraudes, o peso conjunto apenas

dos itens previdência e assistência (considerando neste último caso apenas o Benefício conhecido como BPC) no total dos gastos não financeiros terá passado a 52,6% do total, em contraste com o peso de 22,3% registrado em 1987, um ano antes da edição da atual Constituição federal, demonstrando como tem piorado a situação financeira respectiva. Nesse mesmo contexto e para concluir este relato, cabe ainda considerar que o STF acaba de aprovar proposta para ressarcir as vítimas do chamado “escândalo do INSS”, algo que terá de ser computado e adicionado aos cálculos de impacto acima indicados, juntamente com os números relativos a fraudes.

TOP 1 no ranking nacional

de News Information – Local News

O Correio é líder pelo segundo mês consecutivo. E não é com visualização de meme, é acesso, é clique, é audiência real. O portal Correio Braziliense* é TOP 1 Comscore na categoria News Information – Local News do ranking nacional.

- 1º Correio Braziliense*
- 2º Estado de Minas
- 3º PORTAL “C”
- 4º PORTAL “D”
- 5º PORTAL “E”

Nosso novo site reflete o compromisso com a inovação: jornalismo de qualidade, acessível e moderno, em uma experiência de leitura ainda melhor.

Acesse: correiobraziliense.com.br

*Fonte: Comscore Multiplatform — Desktop e Mobile. *Categoria News/Information. "Total Audience" — Audiência deduplicada das propriedades: correiobraziliense.com.br, Correio Braziliense Blogs, ofuxico.com.br e oimparcial.com.br
Usuários Únicos Maio/2025 | Brasil